

Cultura

A ÍNCLITA GERAÇÃO RETRATADA NOS PAINÉIS EM 1445

Jorge Filipe de Almeida
professor universitário

Quem são as figuras representadas nos Painéis de Nuno Gonçalves? Tudo aponta para que se trate de um retrato coletivo onde surgem, em posição proeminente, os filhos do Rei D. João I.

Comprovadamente, Lisboa na década de 1440, quando decorria a regência de D. Pedro, não teve expressões artísticas tão diferentes das suas congêneres do norte da Europa. Em concordância, a figuração da infanta D. Isabel, duquesa de Borgonha, no Painel do Infante apontava para laços culturais – e afetivos também – mais fortes do que poderíamos superficialmente esperar. A visita de Jan van Eyck ao nosso reino em 1428 ganhava a essa luz uma nova reverberação. Claramente, Lisboa e a Flandres não tinham estado assim tão apartadas na centúria de Quatrocentos.

Cumulativamente, a representação conjunta da família de Avis via a sua plausibilidade reforçada pelo tema fúnebre, dado que proporcionar um funeral condigno a qualquer um dos seus permanece uma das mais prementes obrigações familiares desde tempos imemoriais.

Algumas peças que apareciam até então desconexas podiam ser concatenadas pela hipótese confraternal e, de forma quase surpreendente, possibilitavam identificar com plausibilidade a Confraria do Bem-aventurado Santo Antoninho. Esta confraria municipal, que agregava os homens-bons do concelho, os cidadãos honrados de Lisboa, na Casa do Santo, fora criada em 1431, três escassos anos após a oferta da relíquia de Santo António trazida de Pádua pelo infante D. Pedro ao município (as relíquias eram verdadeiramente fulcrais à organização e vida das confrarias). Note-se que a hipótese de ser aquela a

relíquia figurada no políptico fora já aventada havia décadas. E, tendo em mente uma personagem cujo destaque no Painel da Relíquia tanta perplexidade tem causado à crítica, onde poderia tornar-se mais aceitável a presença de um Judeu numa assembleia cristã?

No Painel dos Pescadores, um frade franciscano prostra-se em oração, dianteiro a uma tríade de personagens que envergam mantos sobre túnicas brancas (as redes pintadas sobre os mantos, evocativas de pescadores, são comprovadamente espúrias, mas deram origem à designação errônea do painel). O espaço confraternal tornaria aceitável figurar em tal honrosa posição, próxima da família real, o frade corretor; a quem incumbiria fazer o sermão fúnebre, acompanhado dos três dirigentes da confraria.

No Painel dos Frades, os monges cistercienses de Alcobaça destacam-se na alvura das suas vestes. A sua presença reforça a invocação do espírito de Cruzada (com direta ligação à Ordem Religiosa Militar de Avis, da qual o infante D. Fernando fora Administrador e que estava sob direção espiritual de Cister), mas apela também à intercessão pelas almas do Purgatório (culto fulcral às confrarias e para o qual S. Bernardo, grande impulsor da Ordem de Cister, muito tinha contribuído no século XII). Sem sombra de dúvida, a hipótese da confraria municipal revelava-se uma verdadeira chave de abóbada para a tese fernandina!

No final da primavera do ano de 1999 o texto resultante da investigação iniciada no ano anterior estava completo no essencial. Tiveram então os autores a boa sorte de serem encaminhados por mãos amigas para a Editorial Verbo, onde a cultura sólida e o acúmen de editor experiente do seu administrador; o dr. Fernando Guedes, lhes abriram generosamente as portas. A edição cuidadosa do dr. João Miguel Guedes ajudou a levar a bom termo o projeto e o livro **Os Painéis de Nuno Gonçalves** foi lançado no final de junho de 2000. No ato do lançamento, a coautora Maria Manuela Barroso de Albuquerque dirigiu as seguintes palavras ao Dr. Fernando Guedes: «**Estamos-lhe gratos por ter aceitado a publicação de um livro sobre um tema extremamente melindroso, um tema caído no descrédito público, como resultado de eventos de certa gravidade, desagradáveis polémicas e interpretações fantasiosas.**

Pouco mais à frente na sua intervenção, referia: «**Além disso, o Professor António Hespanha [a quem coube fazer a apresentação do livro] teve a coragem intelectual de aceitar a presidência desta mesa, assumindo assim uma posição clara e positiva que, pelo melindre do assunto do livro agora lançado, nem todos com responsabilidade na discussão da matéria abertamente assumiriam.**

Como se poderá depreender das linhas anteriores, os autores, conscientes de que as teses do livro então publicado representavam um avanço decisivo para a Questão dos Painéis, não podiam ignorar que cem anos de controvérsia teriam necessariamente de fazer sentir a sua marca. Afinal, não seria melindroso ver as brumas que envolviam esse verdadei-

ro Adamastor cultural desvanecerem-se e deixarem a nu a resolubilidade do problema?

Por um lado, a assinatura imprevista, mas, sobretudo, o ano de 1445 quase ferem a vista pela clareza ática com que iluminam a questão. Por outro lado, como explicar sem reboço que uma inscrição autoral tivesse escapado a um século de análise profissional? Acentuando a incomodidade pesava o facto de os dois autores, se bem que universitários, serem recém-chegados ao terreno da historiografia e da crítica da Arte Portuguesa.

Entre a polémica e o encobrimento

Revisitemos a Questão dos Painéis, à luz de um facto que lhe dá nova reverberação: como explicar que resultados decisivos – coloque-se o adjetivo sem titubeação – tenham sido alvo da atenção pública, sobretudo na primavera de 2003, mas continuem no momento presente remetidos pela Cultura institucional para um limbo discreto?

Voltemos ao prístino ano de 1909, quando as tábuas de Gonçalves se encontravam para restauro na Academia das Belas-Artes frente ao pintor Luciano Freire e José de Figueiredo preparava a publicação de **O Pintor Nuno Gonçalves**, que ocorreria no ano seguinte. Em cerca de uma página de texto publicado no *The Burlington Magazine*, que vinha acompanhado da reprodução fotográfica dos Painéis antes do restauro, Sir Herbert Cook dava a conhecer ao público internacional aquelas tábuas, ainda então sem autor atribuído. O pragmatismo anglo-saxónico delineava uma abordagem racional para a investigação a emprender: «**Muito pouco pode ser assegurado quanto à data em que estas esplêndidas pin-**

DR

